DOSSIÊ

MANIFESTO ÉTICO-ESTÉTICO-POLÍTICO-AFIRMATIVO-EXPERIMENTAL-LIBERTÁRIO PARA UMA PESQUISA-EXPERIMENTAÇÃO[8]

MANIFEST ETHICAL-AESTHETIC-POLITICAL-AFFIRMATIVE-EXPERIMENTAL-LIBERTARIAN FOR A EXPERIMENTATION-RESEARCH

Roberta Stubs[9]

Submissão: 29/08/2016 Revisão: 13/09/2016 Aceite: 13/09/2016

Resumo: Este manifesto é um convite para pensar e pesquisar por transbordamentos, para criar espaços de experimentação e práticas que comportem a convulsão de afetos, desejos e fluxos que dizem da exuberância de vida. Trata-se de uma busca pela ampliação dos nossos horizontes de experiência, assim como de uma luta pelo aumento exponencial das nossas práticas de liberdade, que não pode se restringir a categorias e identidades.

Palavras-chave: Figurações pós-identitárias. Corpo-experiência. Produção de subjetividade. Arte. Devir. Feminismos.

Abstract: This manifest is an invitation to think and research by overflow, to create spaces of experimentation and practices involving the seizure of affection, desires and flows that says about the exuberance of life. It is a search for the expansion of our horizons of experience, as well as a fight for the exponential increase in our practices of freedom, which can not be restricted to categories and identities.

Keywords: Post identitarian figurations. Body-experience. Production of subjectivity. Art. Becoming. Feminisms.

[8] Manifesto revisado e extraído da tese de doutorado da autora: STUBS, Roberta. A/r/tografia de um corpo-experiência: arte contemporânea, feminismos e produção de subjetividade [Tese] Assis, São Paulo: Universidade Paulista do Estado de São Paulo, Campus de Assis (Unesp), 2015.

[9] Artista, pesquisadora e professora do curso de Artes Visuais da Universidade Estadual de Maringá. Contato: rostubs@yahoo.com.br.

sua pesquisa é seu suporte / o corpo é o suporte de tudo / tudo é suporte para o corpo

Você entrou, e isto é uma ficção real extraída da vida. Já de aviso, a vida às vezes não tem nome próprio e os fatos reais são sempre narrativas, uma ficção da memória, sem passado, presente ou futuro, e com tudo isso junto. Por isso toda escrita é um exercício imaginativo mais ou menos autobiográfico. Por isso, vou escrever em primeira pessoa, serei aqui porta voz de minha experiência como alguém que se propõe a produzir outras relações com a vida - ou que pelo menos está disposta a isso.

...

Num tempo onde podemos ter longo alcance, desaprendemos a realizar o impossível e não acreditamos que podemos ainda fazer a revolução. Eu acredito nessa revolução, e essa é minha proposta ética-estética-política para pensar a produção de subjetividade no contemporâneo. É urgente não mais olhar o mundo em linha reta, justo porque a linha reta não comporta transbordamentos. Não comporta a convulsão de afetos, desejos e fluxos que dizem da exuberância de vida. Essa que ultrapassa as demarcações identitárias que tendem a despotencializar a vida em sua multiplicidade infinita. Por isso, vou olhar, ler e digerir o mundo por quebras e aberturas que não cessam de se inaugurar.

Nessa ficção étíca-estética-política, meu pensamento inquieto não se basta em interpretações/representações sobre o real. Ele quer se (in)completar na experimentação de palavras, conceitos e proposições que possam fazer algum sentido para este agora. Faço parte de meu tempo[10] e uma forma de ser coerente com este presente é experimentando-o e tensionando-o em seus limites e em minhas

[10] Essa expressão sinaliza uma disposição a ser contemporâneo de nosso próprio tempo, tal como definido por: AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? e outros ensaios. Editora Argos, 2009.

limitações dentro dele. Sou uma testemunha modesta[11] de cada escolha, direção e dúvida que me trouxeram até aqui. Não me lembro de todas, outras eu realmente desconheço; mas de vez em quando eu penso nisso, e sei que elas estão todas em mim. São marcas que ligam meu corpo com meu pensamento e com meu espaço/tempo histórico. De pele marcada, experimentando o pensamento em cada poro, posso afirmar que falar e fazer, pensar e agir, afetar e ser afetado pode ser método e caminho sem ponto final.

Como artista, feminista, pesquisadora e educadora, sou tomada por algumas linhas de pensamento e experimentação que se desdobram em várias frentes: arte, gênero, pós-dentidade, (re)xistências e subversão, políticas inventivas da vida, tempo, memória e modos subjetivação. Uma variação de pequenas ênfases que ganham formas e funcionamentos diversos em minhas práticas e pesquisas, que criam campos que fazem entrar num espaço que é sempre descoberta. Acredito que nesse espaço, essas linhas talvez virem movimento puro, se combinem, se (des)organizem e passem a funcionar em função do amplo. Falo de uma espécie de substrato a partir do qual podemos costurar proposições e pensamentos que tomam forma de textos, vídeos, instalações, fotografias, oficinas, performances e afins. Minhas linhas. Suas linhas. Nossas linhas sempre em ebulição, sempre vivas e em direções diversas.

Nesse espaço em efervescência, há sempre algo ou alguém pra fazer nossa cabeça e nosso corpo girar. Glória Anzaldua, Deleuze, Lygia Clark, Guattari, Maya Deren, Bill Viola, Caetano Veloso, Tom Zé, Foucault, Nietszche, Espinosa, Patti Smith, Ana Mendieta, Bergson, Albert Camus, Dostoiévski, Rosi Braidotti, Blanchot, Maya Deren,

[11] Termo extraído do livro: HARAWAY, Donna. *Testigo_Modesto@Segundo_Milenio. HombreHembra©_Conoce_ Oncoratón*®. Barcelona: Editorial UOC, 2004.

Louise Bourgeois, Duchamp, Andy Warhol,Yves Klein, Leticia Parente, Godard, Emir Kusturica, Hilda Hilst, Jvankmajer, Virginia Woolf, Frida Khalo, Miró, Bjork, Gal Costa, Tom York, Donna Haraway, Judith Butler, Beatriz Preciado, Maria Betânia, Teresa D'Laurets, Ana Maria Maiolino, Rosana Paulino, Cindy Sherman, Felix Gonzalez-Torres, Elza Soares, Manoel de Barros, David Linch, Ana Barboza, Marcia X, Barbara Kruger, Mulheres Creando, Francis Alys. Várias vidas, múltiplas poéticas, toda uma bibliografia com alto coeficiente transformativo e revolucionário.

A soma desses vários múltiplos é ferramenta para comentar, pensar e transformar a atualidade. Tendo em mãos várias lentes, é possível criar uma ontologia do presente[12] toda encorpada de um pertencimento micropolítico[13], minoritário, fronteiriço, localizado[14], híbrido e aberto em um mundo em vias de se fazer. Mas, o que fazer nessa órbita? De minha parte, sigo de corpo inteiro ou em estilhaço com uma atração pelo que vibra e faz vibrar. Gosto de pensar no, aparentemente, pequeno movimento das coisas. Movimento que diz dos ruídos, dos silêncios, dos desvios, dos rumores e dos relevos de sombra que teimam em existir e traçar caminhos que escapam. É por essa ficção que tenho gosto. Sinto-me forte quando pelas brechas me ligo a vida. Costurar nossa existência por desvios é gesto político, é fazer revolução. Com algumas linhas na mão, tento bordar pequenos gestos, estruturar

[12] FOUCAULT, Michel. O que é o Iluminismo. *Michel Foucault: o dossier*. Rio de Janeiro: Taurus, 1984b.

[13] Toda a sociedade, a política, a cultura, etc., são cortadas por duas linhas; uma molar/macropolítica e outra molecular/micropolítica. No primeiro plano, vivem as forças de saber/poder/prazer que reproduzem a lógica dominante de reprodução do mesmo e limitação/docilização das nossas forças desejantes. O segundo plano é definido pelas forças moleculares que tensionam o plano molar por dizer dos fluxos de diferenciação. Para maiores aprofundamentos vide: DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: vol 3*. São Paulo: Editora 34. 1999.

[14] HARAWAY, Donna. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. UNICAMP*, Cadernos PAGU*, n°. 5,1995, p.14.

pequenos blocos que possam gerar ressonâncias microscópicas/infra/extraordinárias nos territórios que habito. Linhas lançadas ao vento, que podem ser recuperadas e resignificadas em qualquer espaço e tempo.

Primeira linha: pensar a produção de subjetividade é também produzi-la e pensar a produção de modos inventivos de subjetivação é experimentar e propor outras maneiras de ser e estar no mundo. É buscar outros modos de existir que assumam um posicionamento ético-estético-político de problematização dos binarismos e fascismos que limitam e cortam nossas vidas criando, ao mesmo tempo, saídas e fugas para este estado de coisas. Dentro de mim uma força grita e pede passagem: todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas.[15] Todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas. Todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas. Essa é a direção dos meus fluxos desejantes: é preciso entrar para, então, multiplicar saídas.

Segunda linha: inventar não é reproduzir, é resistir. Em meu pensamento essa é uma das imagens mais claras: práticas de vida inventivas tendem a ser mais difíceis de serem capturadas pela lógica do controle biopolítico. No entanto, não podemos esquecer que vivemos num contexto no qual a reprodução de valores, pensamentos, posturas, gostos, desejos, opções e afins são todos encapados por uma maquiagem que reluz autonomia, individualidade e, como não poderia deixar de ser, uma fé inabalável numa suposta relação criativa e livre com o mundo. Por isso vou

[15] ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Estação Liberdade, 2007.

gritar bem alto: "não somos inocentes".[16] Não vou acreditar na arte e na criatividade como única entrada possível, redentora e capaz de nos salvar da pobreza subjetiva e da lógica impotente da reprodução. Seria ingênuo demais. Não quero a ingenuidade de um pensamento puro, repleto de verdades e promessas de salvação. Prefiro um pensamento cheio de dúvidas e incertezas que às vezes não sabe direito onde irá parar, mas sente *um como*, uma maneira pra seguir. Arte e produção de subjetividade são minhas armas e, sem ingenuidade, é com elas que irei resistir e criar espaços de vida.

Terceira linha: o território mais potente em produção e resistência é aquele que está mais próximo. É na intimidade de cada ato, de cada escolha e percepção, que posso fazer a revolução. São em meus gestos menores, infraordinários, desimportantes e quase irrelevantes aos macro-olhos da transformação que preciso reafirmar meu posicionamento ético-estético-político; uma luta diária e intermitente contra as forças que me cortam por dentro, tamanha naturalização. É nesta dimensão micropolítica do poder - esta que tenta capturar meus fluxos desejantes - que combato meu ego, meu individualismo, meus fechamentos irrefletidos, minha fome por poder e todas as forças que me segregam e me colonializam. É nessa dimensão micropolítica que resisto e crio forças para resignificar meu cotidiano, meu presente e minhas relações. O macropolítico-metafísico-metanarrativo é repleto da promessa de um futuro ideal, e é por isso inalcançável. O micropolítico diz do presente, da força produtiva desse instante-

[16] Expressão utilizada por Haraway (1995), para afirmar a necessária responsabilidade ética que devemos assumir na produção de conhecimento na atualidade. Ver: HARAWAY, Donna. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. UNICAMP*, Cadernos PAGU*, n°. 5,1995, p.14.

agora no qual engendramos nossa vida, e é nele que eu estou e estou viva.

Quarta linha: somos todos multidão[17]. Somos múltiplos e vastos, um território em contínua desterritorialização. Somos compostos de muitas linhas que se cruzam e se (re)criam incessantemente. Sou movida por forças que me aumentam e me fazem desejar viver. Não quero o poder, quero a potência. Não quero o uno, tampouco uma identidade fixa. Quero a multiplicidade que me lança sem raízes em territórios híbridos, mestiços e repletos de reentrâncias, curvas, velocidades e lentidões. Sou muitas, sou vasta, contenho multidões em meu peito. Somente sendo multidão consigo exercer uma política de abertura para a vida em sua alteridade infinita. Somente enquanto multidão, vários outros me constituem. Somente sendo multidão posso criar *modos de existência ou possibilidades de vida que não cessam de se recriar e insurgirem novos*.[18]

Quinta e última linha: não pensamos só com a cabeça. Pensamos, sentimos e experimentamos com o corpo inteiro; pensar é experimentar. Por isso não quero o pensamento que interpreta, tampouco o pensamento-representação. Ambos estão carregados demais pelo saber/poder que hierarquiza, esquadrinha e organiza as coisas na lógica do colonizador. Somente um pensamento/experimentação é capaz de se livrar dos binarismos e universalismos que caducam nossos modos de pensar ao viciá-los em atalhos e simplificações. É preciso ter a imaginação no poder[19].

[17] PRECIADO, Beatriz. "Multidões queer: notas para uma política dos 'anormais'". In: Revista Estudos Feministas, v. 19, n. 1, p. 11-20, jan./abr. 2011.
[18] DELEUZE, Gilles. Conversações. São Pa*ulo: Ed.* 34, 2006.
[19] Essa é uma das frases escritas nos muros de Paris durante Maio de 68

> É essa potência imaginativa do pensamento que o faz ultrapassar-se a si mesmo e reinventar-se em outras medidas. Gosto desse tipo de pensamento que ainda não tem imagem, que se faz de pé ao desejar o impossível. O que nos importa aqui é um pensamento guiado por uma razão sensível[20], conectado às intensidades que ainda não possuem nome, mas vibram e transbordam vida.

É com todas essas linhas costurando minha pele que sigo por entre textos, imagens, sons, movimentos, diferenças, repetições, sombras, nuances e afins. Lembro-me de Rolnik[21] quando diz que a escrita é conduzida e exigida por marcas, e que, na verdade, são as marcas que escrevem quando produzem em nós uma necessária transformação, seja consciente, inconsciente, física, imagética, etc. É de uma escrita infinita que falamos aqui. Uma escrita de si[22], uma escrita do mundo que se faça por deslocamentos. Proceder por deslocamentos e pela multiplicação de vias e combinações, nos faz perceber que as possibilidades de criação de outros espaços de experiência e prática são infinitas, uma fonte inesgotável para o exercício criativo do nosso pensamento e para a expansão do nosso conhecimento.

Na potência do híbrido clareiam-se outros horizontes, ricas paisagens práticas e infinitos territórios de experimentação, criação e produção de subjetividade. Na potência do híbrido, tudo que é trans, plural e múltiplo ganha passagem. Trata-se de um convite para a aventura de

[20] GUATTARI, Félix. & ROLNIK, Suely. *Cartografias do desejo.* Petrópolis: Vozes. 1999.

[21] ROLNIK, Suely. "Pensamento, Corpo e Devir. Uma Perspectiva Ético/Estético." Política no Trabalho Acadêmico, In.: *Cadernos de Subjetividade.* Núcleo de Estudos e Pesquisas em Subjetividade. Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, PUC-São Paulo (1993).

[22] Sob influência de Foucault quando fala sobre a estética da existência, Margareth Rago afirma que podemos entender a noção de escrita de si como prática de liberdade em que o indivíduo se autoconstitui ativamente a partir de uma orientação ética. Ver: RAGO, Margareth. *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções de subjetividade.* Campinas-Sp: Editora da Unicamp., 2013.

criar[23]: criar-se a si mesmo; inventar saídas; dar outras roupagens para velhos e novos problemas; inventar outras figuras para o pensamento; combinar coisas que não combinam; configurar sobre outros códigos o processo de fazer e viver nossas práticas.

Falamos então de uma luta pela ampliação dos nossos horizontes de experiência, assim como de uma luta pelo aumento exponencial das nossas práticas de liberdade[24], que não pode se restringir a categorias e identidades. Somos todos multidão, expressões minoritárias dos desejos, "sujeitos" nômades[25], ciborgues[26] pós/trans/pluri-identitárias[27].

Sim, já é de se saber que a luta pela subjetividade e pela vida se apresenta como direito à variação e à metamorfose[28]. Agora, é preciso nos ligar às processualidades e às heterogêneses que constituem esses movimentos de transformação e devir. Talvez assim nos tornemos sensíveis às mais

[23] Expressão inspirada pelo no livro "A aventura de contar-se" de Margareth Rago (2013).

[24] De acordo com Foucault (2004, p. 291), a partir de um certo número de regras, convenções e estilos que nos são dados pela cultura, "o sujeito se constitui através de práticas de sujeição, ou, de maneira mais autônoma, através de práticas de liberação, de liberdade." Ver: FOUCAULT, Michel. Uma estética da existência. In: *Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 288-293, 2004.

[25] BRAIDOTTI, Rosi. *Sujetos nómades*. Paidós, Buenos Aires, 2000.

[26] HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Antropologia do ciborgue*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 35-118.

[27] De acordo com Preciado (2011, p.4), estamos diante de um movimento de desontologização "do sujeito" da política sexual: "Nos anos 1990, uma nova geração emanada dos próprios movimentos identitários começou a redefinir a luta e os limites do sujeito político "feminista" e "homossexual". No plano teórico, essa ruptura inicialmente assumiu a forma de uma revisão crítica sobre o feminismo, operada pelas lésbicas e pelas pós-feministas americanas, apoiando-se sobre Foucault, Derrida e Deleuze. Reivindicando um movimento pós-feminista e *queer*, Teresa de Laurettis, Donna Haraway, Judith Butler, Judith Halberstam (nos Estados Unidos), Marie-Hélène Bourcier (na França), mas também as lésbicas chicanas como Gloria Andalzua ou as feministas negras como Barbara Smith e Audre Lorde, atacarão a naturalização da noção de feminilidade que havia sido, inicialmente, a fonte de coesão do sujeito do feminismo. A crítica radical do sujeito unitário do feminismo, colonial, branco, proveniente da classe média alta e dessexualizado foi posta em marcha. Vide: PRECIADO, Beatriz. "Multidões queer: notas para uma política dos 'anormais'". In: *RevistaEstudos Feministas,* v. 19, n. 1, p. 11-20, jan./abr. 2011.

[28]Deleuze, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1986/2008.

diversas variações do mundo para colocar em crise nossas verdades e preconceitos.

Jogando alguns fluxos e processos no papel, na vida, na pele, na tela ou no palco, talvez seja possível evocar e lançar algumas marcas provisórias e inconclusas cuja função maior é abrir frestas e deixar marcas sensíveis nos corpos-subjetividades. É como um texto aberto que apresento esse manifesto ético-estético-político-experimental-libertário. No lugar de um ponto final uma vírgula, um hífen, algumas interrogações, desejos, coragem e muitas reticências.